



Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2025)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

DOI (volume): <https://doi.org/10.34619/nzc0-f1bq>

Homepage: <https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rcf>

Ainda

Eduardo Brito 

Como Citar | How to cite:

Brito, E. (2025). Ainda. Revista De Comunicação E Linguagens, (62), 168-185. <https://doi.org/10.34619/31ug-hwke>

DOI: <https://doi.org/10.34619/31ug-hwke>

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Ainda

Still

EDUARDO BRITO

I2ADS — Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal
epbrito@fba.up.pt

Resumo

Ainda parte do romance *Bruges-La-Morte*, escrito por Georges Rodenbach em 1892, no qual Hugues Viane se instala na cidade depois de enviudar e ali encontra uma mulher igual à sua amada (premissa do mito de Orfeu e Eurídice — a morta morre uma segunda vez). É tido como o mais antigo livro que usa a fotografia como parte da sua narrativa.

Trinta e uma imagens da cidade, feitas entre 1888 e 1890 pelos estúdios parisienses de Levy & Neurdein, integram a primeira edição da Flammarion. São introduzidas por Rodenbach numa nota introdutória: “*não são apenas panos de fundo ou temas descritivos arbitrariamente escolhidos, antes se ligam, verdadeiramente, à acção do livro*” (Rodenbach 1898, 3).

Bruges-la-Morte inspirou um número de adaptações e remakes. Ópera: *Die Tote Stadt*, de Korngold (1932), Cinema: adaptado em *Rêves*, de Yevgeni Bauer (1915), em *Mas Allá del Olvido*, de Hugo del Carril (1956), e nos filmes homónimos de Alain d’Henaut (1980), Ronald Chase (1978) e de Rolland Verhavert (1981). Em 1954, Boileau e Narcejac fazem um remake literário, *D’entre les morts*, que Alfred Hitchcock usa para *Vertigo* (1958). Em 1962, Chris Marker estreia *La Jetée*, afirmando ser um remake de *Vertigo*. (Burgin 2004, 89)

Bruges-la-Morte torna-se precursor de um subgénero — seguido por Sebald, Breton, Calle e Blaufuks, entre outros — que explora a relação texto-imagem como um todo holístico, numa acepção próxima do que Roland Barthes chama de terceiro sentido, depois dos níveis óbvio e simbólico, obtuso como o ângulo maior que o recto, e que, fora da linguagem, não pode ser descrito mas apenas constatado (Barthes 1990, 45-61).

A minha memória para esta série é uma plethora de influências e reminiscências vindas de viagens e permanências em Bruges a partir do livro e das suas ressonâncias. As imagens que a constituem são impressões *in situ* a partir de fotografias do autor e fotogramas dos referidos filmes *Vertigo*, *La Jetée* e *Rêves*.

Palavras-chave

literatura | cinema | deriva | refotografia | ressonância

Abstract

The starting point of *Still* is *Bruges-La-Morte*, a novel written by Georges Rodenbach in 1892, in which Hugues Viane moves to the city after becoming a widower, and there he encounters a woman identical to his beloved one (the dead dies a second

time — the premise of the myth of Orpheus and Eurydice). It is considered the oldest book to use photography as part of its narrative.

Thirty-one photos of the city, taken between 1888 and 1890 by the Parisian studios of Levy & Neurdein, are included in the first edition by Flammarion. Introduced by Rodenbach in a note to the reader, “*they are not merely backdrops or arbitrarily chosen descriptive themes, but rather are genuinely connected to the action of the book*” (Rodenbach 1898, 3).

Bruges-la-Morte inspired adaptations and remakes. Opera: *Die Tote Stadt*, by Korngold (1932). Cinema: adapted as *Rêves* by Yevgeni Bauer (1915), *Mas Allá del Olvido* by Hugo del Carril (1956), and also the homonymous films by Alain d’Henaut (1980), Ronald Chase (1978), and Rolland Verhavert (1981). In 1954, Boileau and Narcejac produced a literary remake, *D’entre les morts*, which Alfred Hitchcock used as the basis for *Vertigo* (1958). In 1962, Chris Marker premiered *La Jetée*, later stating its film was a no less than a *Vertigo* remake (Burgin 2004, 89).

Bruges-la-Morte becomes a precursor to a subgenre — followed, among others, by Sebald, Breton, Calle, and Blaufuks — that explores the text-image relationship as a holistic entity, close to what Roland Barthes refers to as the third meaning. After the obvious and symbolic levels, it is obtuse, like an angle greater than the right-angle, that, beyond language, cannot be described but only observed (Barthes 1990, 45-61).

My personal memory for this series was made up from a plethora of influences and reminiscences from travels and time spent in Bruges, shaped by the book and its resonances. The images that constitute this series are Instax prints made from photographs by the author and frames from the aforementioned films *Vertigo*, *La Jetée*, and *Rêves*.

literature, cinema, drift, rephotography, resonance.

Keywords





O dia declinava quando saíu para fotografar. Fascinava-o o ambiente misterioso da cidade: o eco dos passos nas paredes das ruas estreitas, a passagem de um ciclista solitário, as sombras para lá das janelas: tudo lhe parecia uma cena de um crime prestes a acontecer.



O reflexo de um vulto nas águas do canal despertou-lhe a atenção. Decidiu segui-lo, como se disso dependesse uma revelação qualquer. Ah, a ilusão da epifania, isto *tudo nunca sempre o mesmo diferente nada*, de novo a repetição de um jogo antigo, gasto, cíclico.





Tudo isto é ainda *Bruges-la-Morte*, o romance escrito por Georges Rodenbach em 1892, o primeiro, diz-se, onde a fotografia é parte integrante da narrativa e já não apenas pano de fundo, que tem a cidade como personagem essencial, associada aos estados de alma, que aconselha, dissuade e determina a agir.



Como nos filmes, somos sempre detectives: não me digas que não queres saber o que aconteceu ao vulto e a quem o seguia.



Aqui estou a testar fórmulas, narrativa e o seu contrário, memórias de filmes, passagens e permanências, a escrever sobre uma perseguição ou um reencontro, a replicar como uma coreografia as imagens do livro, feitas pelos fotógrafos Isaac Lévy, Étienne e Louis Neurdein, a refazer a deriva das personagens do romance, Jane Scott e Hugues Viane, *he the hunter, she the prey. Or was it the other way around?*





Estabelece-se uma equação misteriosa, na qual o demónio da analogia se faz valer da traição do tempo e dos espelhos. Lição de silêncio vinda dos canais imóveis: Bruges como um labirinto onde ambos se encontram *sans souvenirs, sans projets. Leur temps se construit simplement autour d'eux.*



(— No, I just thought that I'd wander.

Yeah, well, don't you think it's kind of a waste for the two of us...

To wander separately?

Uh-huh.

But only one is a wanderer. Two together are always going somewhere.)



Não importa se a escrita é automática ou apropriada, conto ou instalação, arquivo falso ou ainda vivo. Certo é que sentia em cada rua de Bruges a cinza morta dos anos, como se o tempo escorregasse vertiginosamente até à boca. Nessas alturas, sabia que era parecido com a cidade.



Talvez fosse a primeira pessoa no segmento anterior. Estava a testar.



Dir-se-ia que a cidade não existe, fundida, a ir-se, afogada na chuva que a submergiu. Mais tarde, ao chegar ao Cais dos Espelhos, perdeu de vista o vulto. Não era de simbolismos, mas a coincidência mexeu consigo. Miragem ou deidade, a sua sombra ou uma versão anterior de si, fantasma ou espectro, jamais iria descobrir. Depois, como falenas, os olhos de tudo se esqueceram. O dia declinava.

Financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Bolsa de Doutoramento 2024.02127. BD.

Referências

- Burgin, Viktor. 2004. “Marker Marked.” Em *The Remembered Film*, 89 e ss. Londres: Reaktion Books.
- Barthes, Roland. 1990. “O terceiro sentido.” Em *O óbvio e o obtuso: Ensaios críticos III*, 45–61. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rodenbach, Georges. 1892. *Bruges-la-Morte*. Paris: Ernest Flammarion.
- Rodenbach, Georges. 2013. *Bruges-a-Morta*. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Sistema Solar.

Filmografia

- Hitchcock, Alfred. 1958. *Vertigo*. Real. Paramount Pictures, EUA, 128 min.
- Marker, Chris. 1962. *La Jetée*. Real. Argos Films, França, 28 min.
- Marker, Chris. 1983. *Sans Soleil*. Real. Argos Films, França, 100 min.

Ópera

- Tiago Cutileiro. 2019. Tudo nunca sempre o mesmo diferente nada. Libreto de Tiago Cutileiro. Encenação de Leonor Keil, Sónia Baptista e Sara Carinhas.